

# APAV<sup>®</sup>



associação portuguesa de

Apoio à Vítima

# Recortes de Imprensa

## Agosto 2016



Apoio:





ID: 65589214

06-08-2016 | Revista E

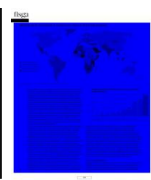
"QUEM SABE TUDO É PORQUE ANDA MUITO MAL INFORMADO"



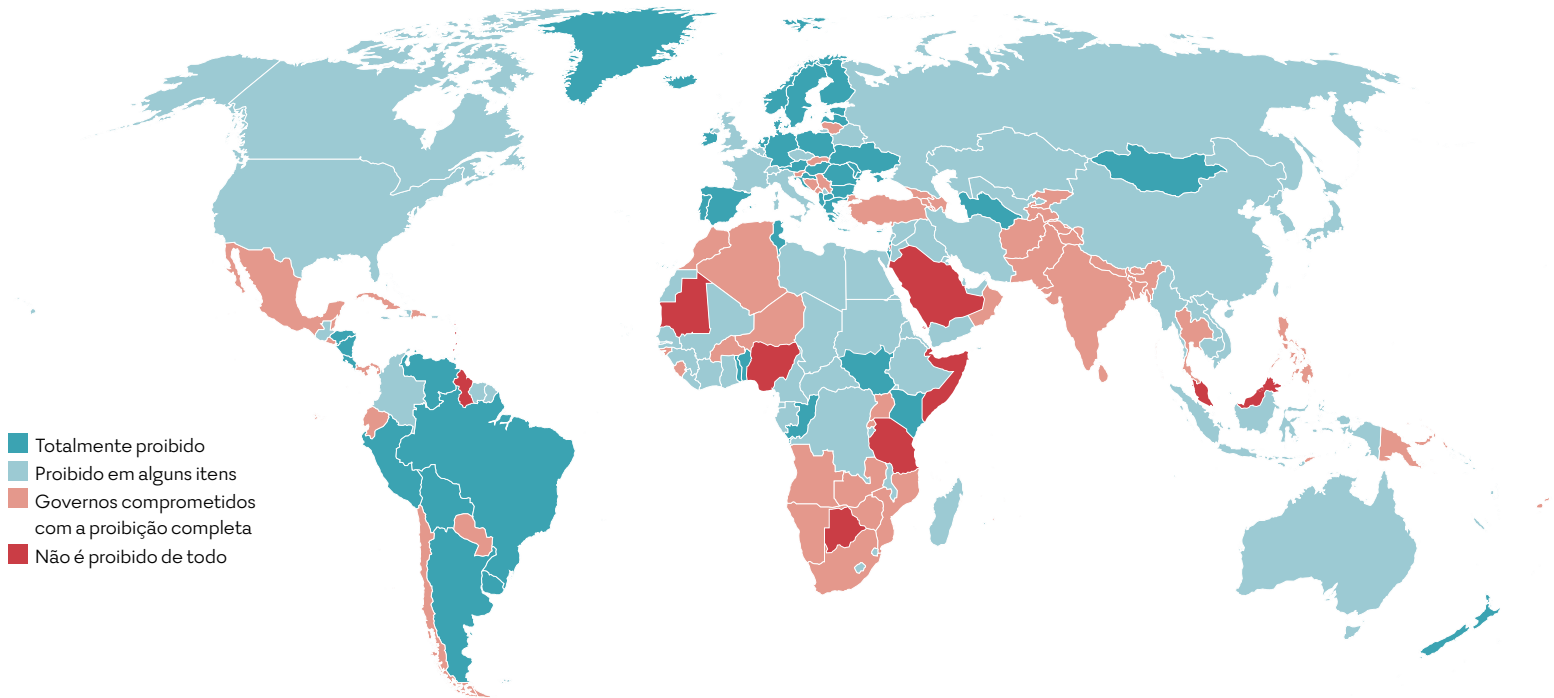
# Mão que cuida, mão que bate?

DURANTE DÉCADAS, A PALMADA FAZIA PARTE DA RECEITA DE DISCIPLINA DOS PAIS. AGORA SABE-SE QUE É CONTRAPRODUCENTE, ACENTUANDO O COMPORTAMENTO QUE PRETENDE TRAVAR

TEXTO LUCIANA LEIDERFARB INFOGRAFIA OLAVO CRUZ



## PAÍSES QUE PROÍBEM O CASTIGO FÍSICO NAS CRIANÇAS

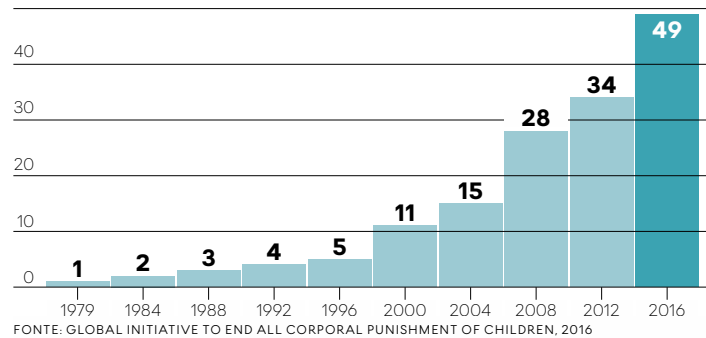


FONTE: GLOBAL INITIATIVE TO END ALL CORPORAL PUNISHMENT OF CHILDREN, 2016

Quem alguma vez não recebeu uma palmada? E quem não a deu ou quis dar? Uma simples prospeção pelas respostas possíveis mostra que, sobre a palmada, existe uma enciclopédia de vários volumes ainda por escrever. Em muitos deles entraria certamente o rol interminável de argumentos que os pais esgrimem para justificar o seu uso. Noutros, as não menos relevantes razões que defendem o seu banimento total. Noutros ainda, as diferentes etapas de uma história tão velha quanto o mundo — a da criança birrenta que não faz tenções de parar ou a do adolescente desafiador que concentra nisso toda a sua energia e a dos pais confrontados com a tarefa ingrata de os limitar e corrigir. Se a história da palmada se confunde com a da disciplina, e se durante anos ambas foram consideradas elementos inseparáveis do ato corretivo, a investigação feita nas últimas décadas veio provar que a sua união é não só abusiva como contraproducente. Numa palavra, que o recurso ao castigo físico em pouco contribui para a disciplina, acentuando o tipo de comportamento que supõe travar.

A esta conclusão chegou Elizabeth Gershoff num estudo publicado em abril deste ano no “Journal of Family Psychology”, que reduz a zero as dúvidas sobre as contraindicações da vulgar palmada. A investigadora da Universidade do Texas analisou 75 estudos realizados ao longo de cinco décadas em 13 países diferentes, abrangendo mais de 160 mil crianças. Focando-se naquilo que a maioria dos pais reconhece como castigo — a palmada de mão aberta no traseiro ou nas extremidades — e não nas variantes mais violentas, Gershoff identificou que esse tipo de experiência na infância está ligado a “mais agressão, a um incremento das atitudes antissociais e a problemas cognitivos e de saúde mental”, além de acarretar o risco de abusos mais graves. “A palmada não ensina as crianças a comportar-se apropriadamente, mas a fazerem-no só quando os pais estão por perto”, diz Elizabeth Gershoff ao Expresso, salientando que a maioria dos pais continua a bater nos filhos porque eles próprios tiveram essa experiência enquanto crianças. Nos Estados Unidos vive-se, aliás, uma situação no mínimo contraditória. Num inquérito levado a cabo em 2015 pela Child Trends DataBank, 94% dos pais de menores entre os 3 e os 4 anos admitiram ter-lhes batido ao longo do ano anterior, enquanto 76% dos pais e 65% das mães concordaram com a premissa segundo

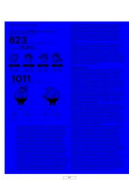
### NÚMERO DE PAÍSES COM PROIBIÇÃO TOTAL DE VIOLÊNCIA SOBRE CRIANÇAS



a qual, por vezes, é necessário recorrer “a uma boa palmada”. Porém, como apontou um outro inquérito da organização de educação parental Zero to Three, a maioria dos pais que dão palmadas considera igualmente que bater não é uma forma eficaz de disciplinar. “Acredito que os adultos que receberam palmadas e acabaram por dar-se bem na vida tiveram pais que também usaram outras formas de os disciplinar, como falar com eles e explicar-lhes os ‘como’ e os ‘porquês’. A maioria de nós tornou-se o que é hoje apesar dos castigos corporais e não graças a eles”, defende Gershoff, cujo estudo desmonta a crença comum que distingue a palmada do abuso físico como o dia da noite. “A linha é sempre arbitrária e depende das variáveis que rodeiam a agressão, como a frequência, o contexto, a força utilizada e a sensibilidade da criança. E a pesquisa provou que a palmada tem as mesmas consequências prejudiciais que o abuso, apenas num grau ligeiramente mais baixo.”

### PRÁTICA SUBTERRÂNEA

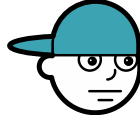
Segundo a UNICEF, vivemos num mundo onde 80% dos pais batem nos filhos. E numa Europa onde, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, essa prática permanece um bastião da herança educacional de outros tempos. Basta um relance pelo “Relatório



## CRIANÇAS E JOVENS VÍTIMAS DE CRIME

Em 2014 foram referenciados **7238** crimes de violência doméstica, onde se incluem os crimes sobre menores

**823** crimes sobre menores dos 0 aos 17 anos  
que representam **11,3%** do total



0-3

4-5

6-10

11-17

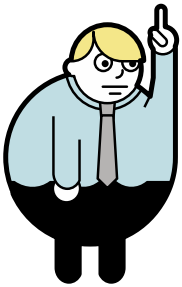
Nº	%
112	1,5

Nº	%
104	1,4

Nº	%
234	3,2

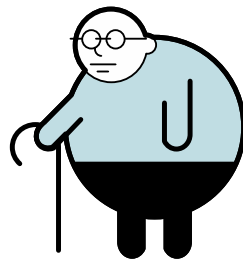
Nº	%
375	5,2

Em **1011** casos, o autor do crime é pai, mãe, avó ou avô da vítima



FILHO/FILHA

Nº	%
979	13,2



NETO/NETA

Nº	%
32	0,4

FONTE: APAV

Europeu sobre a Prevenção dos Maus-Tratos Infantis” para perceber que o problema é maior do que parece: com o homicídio infantil a não ultrapassar os 850 casos por ano, diz o documento que “as mortes são a ponta do icebergue” — por cada morte estima-se que existam entre 150 e 2400 casos de abuso físico. “Os maus-tratos infantis são, em geral, uma forma escondida de violência que podem não ser detetados por cuidadores e profissionais durante anos”, lê-se logo no início. E mesmo os países com melhores sistemas de deteção deixam “90% das crianças maltratadas de fora”. Entre os 40 países europeus considerados, Portugal está nos de menor incidência de homicídio de crianças com menos de 15 anos, com 0,22 mortes em cada 100 mil. Mas a fasquia sobe quando se analisam as mortes que derivam de maus-tratos e negligência, chegando aos 0,51 e situando o país acima do meio da tabela. “Em Portugal, o castigo corporal é ainda muito frequente”, corrobora Manuel Coutinho. O secretário-geral do Instituto de Apoio à Criança, que é também coordenador da linha SOS Criança, reconhece que este modelo educativo está “muito enraizado” na sociedade portuguesa, sendo “aceite por uma grande parte das pessoas”. Isto apesar de o castigo físico ser ilegal desde 2007 e punido pelo Código Penal. “Há dois ditados populares ainda muito presentes: ‘Quem dá o pão dá

a educação’ e ‘Um pão na mão, um pau na outra’. O seu cruzamento significa que o pai ou a mãe têm o poder de aplicar o castigo físico se assim o entenderem. E se hoje quase não o fazem em público, porque é malvisto, isso não quer dizer que não o façam de todo. É um comportamento subterrâneo”, explica o psicólogo. Em 2015, a linha SOS Criança recebeu 1857 apelos, dos quais 1349 envolveram diretamente menores. Em 903 casos, o infrator era um familiar, preponderantemente as mães, seguidas dos pais, dos padrastos e das avós.

Também a APAV fornece dados inquietantes, como as estatísticas de 2014, em que 11,3% do total das situações de violência doméstica referenciadas incidiam sobre crianças e jovens até os 18 anos, perfazendo 823 casos. Da mesma forma, apurou-se que 979 dos perpetradores eram pai ou mãe das vítimas — e o facto de o número de perpetradores ser superior ao das situações registadas demonstra que não é raro haver mais do que um agressor por criança. “No limite, os adultos sabem que não deveriam bater. Sabem, ou têm de saber, o que um adulto de 1,70 m desorientado pode provocar numa criança de um metro”, opina Manuel Coutinho.

## PARAR PARA PENSAR

Mas entre pensar e fazer nem sempre há o intervalo certo. “No auge de um conflito é mais importante parar do que dar uma resposta. Até porque os miúdos, nesta fase, também não vão ouvir. Parar é uma forma de proteger a família e de os pais não se transformarem em agressores permanentes”, aconselha Sofia Nunes da Silva, acrescentando que, após a paragem, “o adulto regressa mais tranquilo e seguro de si”, mais capaz de dialogar e de dar à criança o castigo adequado. Para esta psicóloga clínica e terapeuta familiar do Hospital de Santa Maria, a tendência para repetir padrões de comportamento não esgota os motivos por que os pais continuam a punir corporalmente. “Há pais que são muito exigentes e atentos em relação às falhas dos filhos. Que olham para comportamentos naturais para a idade como formas de ludibriar a sua autoridade e como se fossem patológicos, quando na verdade não o são”, explica. E, por vezes, o conflito exacerba-se a partir de “problemas simples”, que requerem simplicidade para serem resolvidos.

À exigência dos pais não é alheia a da sociedade em que se inserem. “Hoje em dia, as famílias têm vidas de uma exigência desumana, com existências limitadas aos horários excessivos de trabalho e às obrigações escolares excessivas dos filhos. E a disponibilidade para ouvir é escassa”, comenta Sofia Nunes da Silva. E se neste quadro há pais com índices de tolerância menores, há também crianças mais opositoras do que outras. “Não é verdade que não há crianças difíceis. Há. Mas é preciso os pais perceberem quando não conseguem lidar com elas e pedirem ajuda.” Afinal, a parentalidade aprende-se, e “os pais precisam de apoio na adoção de novas estratégias”.

Esse apoio não deve ser episódico. Tem de envolver os profissionais de saúde, que nem sempre abordam o tema da disciplina, partindo também eles do princípio de que essa é matéria exclusiva dos progenitores. “Os pediatras demitem-se de falar disto e não apostam na prevenção”, diz Ana Teresa Brito, formadora da Fundação Brazelton/Gomes-Pedro e doutorada em Estudos da Criança. Em causa está o desconhecimento dos pais perante as diferentes fases de crescimento dos filhos: “A criança precisa de se desorganizar para se organizar, por isso o adulto não pode desorganizar-se com ela. Bater-lhe não a ensina a controlar-se, porque é em si um ato de descontrolo. No fundo, estamos a dizer-lhe que aquilo nos ultrapassa, por meio de uma ação que invade o seu espaço físico e psicológico.” Sendo o objetivo último da disciplina que a criança aprenda a autodisciplinar-se, a palmada pode ter o efeito contrário ao que procura. “Às tantas, a criança também fica dependente desse estímulo negativo para parar e, como não encontra dentro de si própria os limites para o fazer, procura-os externamente, provocando os pais”, esclarece Ana Teresa Brito, que não considera a aceitação cultural da palmada um dado inultrapassável: “Não o é, senão continuaríamos a agir como nos séculos anteriores. Se é cultural e faz parte das rotinas, tem de ser trazido ao discurso para o ver e repensar.” ●



## PAIS EM TEMPOS DE CRISES

# A violência filial

**Mário Freire**  
Professor



O tema não é fácil de tratar pela sua incomodidade. Ele, no entanto, é, crescentemente, uma realidade dos nossos tempos e tentar escondê-la serve para a tornar, ainda, maior. Recorro ao livro de Javier Urria, "O Pequeno Ditador Cresceu - Pais e Filhos em Conflito", publicado pela editora "Esfera dos Livros", em Fevereiro deste ano. O autor é psicólogo, professor na Universidade Complutense de Madrid e serve-se da sua experiência de terapeuta e de Provedor de Menores em Espanha para relatar múltiplos casos de violência de filhos contra os pais. O fenómeno que, até há cerca de uma década, ocorria aciden-

talmente, cresceu de forma agigantada nos últimos anos, de tal modo que Urria o descreve como "uma pandemia de violência filial". Assim, citando os dados do Memorando da Comissão Geral do Estado Espanhol, apresentado em 2011, refere que se em 2007 se registaram 2683 denúncias de maus-tratos de filhos a pais, em 2009 essas denúncias subiram para 5201. Diz, ainda, que "25% dos casos dos tribunais de Menores são já por maus-tratos de filhos a pais."

Em Portugal, a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) é a entidade que mais dados tem fornecido sobre este problema social. Assim, num estudo divulgado em Outubro de 2014, durante os anos de 2004 a 2012, houve cerca de 4000 pais maltratados pelos filhos, em ambiente doméstico, sendo o número de mulheres muito superior (81%) ao dos homens. Refira-se, ainda, quanto de penoso deve ser um pai ou uma mãe denunciarem um filho ou filha por maus-tratos:

muita desta violência fica, pois, escondida dentro de portas e, por isso, as estatísticas são sempre inferiores aos casos que ocorrem.

Urria identifica algumas causas para estes distúrbios familiares. Uma delas é a crise económica: a falta de dinheiro origina que muitos filhos não tenham certos caprichos de que podiam usufruir. Por outro lado, cada vez mais os filhos vão crescendo sem regras. Os pais parecem ter medo de dizer não a muitas das suas pretensões injustificadas. Além disso, o ambiente familiar disfuncional, de permanente conflitualidade, não favorece a existência de uma autoridade dos pais.

As terapias para esta pandemia, segundo a expressão de Urria, não se localizam nos filhos mas, principalmente, no ambiente familiar que os rodeia. Aprender a ser pais é, pois, um desafio que se coloca na sociedade contemporânea. Será que haverá muitas instituições que queiram ensinar e pais que desejem aprender?



# Violência contra idosos

## O silêncio dos inocentes

**Drama** Idosos são muitas vezes vítimas de violência por parte dos filhos, cônjuges ou cuidadores. Total de denúncias estará muito aquém da realidade. Em Leiria, a Linha de Apoio à Vítima Idosa não tem tido mãos a medir

### Martine Rainho

É com a voz embargada pelo medo e entre soluços que Piedade nos conta o martírio que vive há mais de 15 anos. Viúva, com quase 80 anos e residente no concelho de Leiria, é ao filho mais novo e a anos de violência física e psicológica que deve o seu tormento.

Já foi agredida, insultada e humilhada. Dormiu muitas vezes vestida para poder fugir caso fosse necessário, e sempre com a porta do quarto fechada à chave. Precaução que não impediu o filho de a arrombar há uns meses atrás e de agredir a mãe com pontapés.

Fugiu descalça, nessa noite, em pleno inverno, recorda Piedade, que não consegue calar a dor. Desfia vários episódios em que temeu pela vida. "Ando a sofrer há tanto tempo mas agora já não posso mais", desabafa num novo pranto. "O que ele faz não é normal, mesmo quando não bebe", afirma, certa de que o filho tem um problema com o consumo de álcool e precisa de ser tratado.

Durante anos, e para evitar conflitos, Piedade suportou as despesas da casa e tinha o cuidado de preparar os pratos de que o filho mais gostava, mas não se sentava com ele à mesa da

cozinha, tantas eram as ameaças. "Tanta vez que me fui deitar sem comer", lembra.

Ainda assim, diz ter "pena dele", ao mesmo tempo que recorda alguns períodos em que ele não lhe bateu. "Se fosse bom para mim era a minha companhia", garante, ela que não compreende porque é ainda ninguém o levou para ser tratado.

Chega mesmo a acreditar que a lei não é a mesma para todos, ela que há pouco tempo viu uma reportagem que dava conta da prisão de um homem que agredia a mãe. "Foi preso e tratado e agora governa a vida dele", suspira.

Mas apesar de várias idas ao hospital e das queixas às autoridades, foi ela, a vítima, que teve de sair de casa. Vive há meses com um outro filho, mas não passa um dia em que não sonhe regressar ao lar para o qual tanto trabalhou com o marido. "Querida tanto voltar para a minha casinha. Nós nunca estamos bem em casa dos outros", desabafa. Até porque esta não é a primeira vez que teve de "fazer as malas" e deixar o seu "cantinho". Há tempos, foi encaminhada, depois de mais uma agressão, para uma casa abrigo.

Ficou lá oito dias. "Fui muito bem tratada. Estavam lá mulheres com crianças e chamavam-

me avó. Só que não era a minha casa", termina.

O caso de Piedade (nome fictício), um entre dezenas que a associação Mulher Séc. XXI tem acompanhado, nomeadamente desde a entrada em funcionamento da Linha de Apoio à Vítima Idosa de Violência Doméstica, é também uma história de coragem.

"Raramente é a vítima que denuncia. Está indefesa e tem medo de perder o pouco que tem dos afetos dos familiares, tem medo de ficar pior ou de ser abandonada", explica Isabel Gonçalves, presidente da Mulher Séc. XXI, referindo que muitos dos contactos para a Linha de Apoio são feitos por vizinhos ou amigos das vítimas.

### De 11 para 43 novos casos

Em apenas quatro meses, de fevereiro a junho, a associação registou de norte a sul do país, nomeadamente no Alentejo, 43 casos novos de vários pontos do país (contra 11 processos em 2015 sobretudo da zona de Leiria) e efetuou 68 atendimentos (56 telefónicos e 12 presenciais). Mas haverá muitos mais.

Suspeita-se que a maioria dos idosos sofre em silêncio, muitas vezes por medo de represálias ou de ficar só, outras para não comprometer quem mais gostam.

“

Já ando a sofrer há tanto tempo mas agora já não posso mais (...) Não queria deixar a minha casinha. (...) Tenho pena dele, é o meu filho. Se fosse bom para mim era a minha companhia".

**Piedade**  
(nome fictício)

Como Piedade, muitos idosos apenas anseiam ficar na sua casa, mas há quem gostaria de ir para um lar apesar da oposição dos filhos, como acontece com "uma senhora que pediu ajuda através da Linha de Apoio". "Sabia qual era o lar para onde queria ir e tinha dinheiro para isso mas o filho não deixava. Era ele que geria o dinheiro e iria perdê-lo", partilha Rosa Santos, psicóloga da Mulher Séc. XXI, que contactou os serviços sociais da zona de residência da vítima para intervir. "Já tinham conhecimento

da situação, mas era complicada de resolver porque a senhora mudava de opinião. Isso traduz alguma instabilidade emocional pois não queria ferir os sentimentos do filho", sublinha.

### Quando o tribunal decide

Deverá entretanto voltar a tribunal o caso de um casal, já reformado, que poderá ser vítima de violência financeira por parte do filho, que, no "dia do guito" - quando chegam as reformas -, acompanha o pai ao banco e lhes fica com todo o dinheiro. O casal, que não tem casa própria e chegou a passar fome, apresentou queixa no Ministério Público, mas no âmbito do inquérito negou os factos. A situação suscitou entretanto outra denúncia e está de novo a ser investigada.

Demorou mais de 50 anos a escapar aos maus tratos infligidos pelo marido, mas Esperança (nome fictício) conseguiu ganhar o processo que instaurou em tribunal. Foi das primeiras utentes da Mulher Séc. XXI. Tinha 65 anos em 2007 quando o centro de atendimento abriu. Vivia com o marido desde os 14 anos e sempre trabalhara para ele sem nunca ter recebido qualquer dinheiro nem ter feito descontos. Em 2008, o Tribunal condenou o marido a pagar-lhe uma indemnização de 10 mil





## Faltam “casas abrigo” para as vítimas idosas

Apesar da idade, as vítimas do sexo feminino podem ser temporariamente encaminhadas para casas abrigo, como aconteceu com Piedade, mas estas não se destinam à população sénior. A filosofia da casa abrigo “é ajudar as mulheres a recuperarem da violência, desenvolverem um projeto de vida e criar autonomia para que possam refazer a sua vida. Estão ali temporariamente”, esclarece Isabel Gonçalves.

Já a vítima idosa, “não tem mais forças, nem qualidades nem condições de criar um projeto de vida e muitas vezes precisa de quem cuide dela”, acrescenta, lamentando a falta de respostas de acolhimento de emergência para os mais velhos.

O problema afigura-se mais complicado quando a vítima é do sexo masculino, por não existirem em Portugal instituições para homens, embora a primeira esteja prestes a abrir em Faro. Setembro é a data anunciada.

Entretanto, em Leiria, a associação Mulher Séc. XXI continua a aguardar luz verde para a abertu-

tura do centro de emergência, que permitirá acolher mulheres vítimas de violência doméstica por curtos períodos de tempo, geralmente até 10 dias.

Confrontada com a demora na abertura desta resposta social, a Segurança Social adianta que “foi incluída em orçamento como programa prioritário, a fim de ser celebrado acordo de cooperação”, e que estão a ser assegurados todos os trâmites e procedimentos prévios e necessários para o efeito.

As mulheres acolhidas em casa abrigo recebem apoio social, psicológico e jurídico. São ajudadas a construir um projeto de vida e a procurar trabalho. Não pagam renda, água, luz, gás nem alimentação, o que lhes permite poupar dinheiro se estiverem a trabalhar, e os filhos que as acompanham são matriculados na escola, explica Isabel Gonçalves. Por outro lado, quando arranjam casa, o Estado contribui com a primeira renda e na aquisição de equipamentos. A quem não conseguir trabalhar, atribui o rendimento social de inserção.



A violência sobre idosos é muito difícil de comprovar e de ajudar a resolver.”

“Temòs alguns casos em que o tribunal afastou o agressor, mas apenas em relação aos companheiros, como é o caso de uma senhora com 75 anos que foi vítima de violência doméstica desde o casamento. Algumas só se queixam com esta idade porque tiveram de cuidar dos filhos e é muito difícil saírem de casa.”

“O nosso centro de atendimento é um dos que tem mais movimento do país. Está muito voltado para as pessoas.”

**Isabel Gonçalves**  
presidente da Mulher Séc. XXI



“As pessoas idosas têm as suas rotinas, não querem ir para o lar mesmo quando estão em perigo. Tirá-las das suas rotinas também é uma violência.”

**Rosa Santos**  
psicóloga da Mulher Séc. XXI



euros, uma pensão mensal de 300 euros e a comprar-lhe um apartamento.

“Encontrei-a há pouco tempo e parecia que tinha rejuvenescido”, conta Rosa Santos.

São cinco os tipos de violência mais prevalentes contra idosos, que são vítimas de agressão física e/ou psicológica e verbal, mas também de violência sexual quando os companheiros os obrigam a ter relações sem o desejarem.

Já a violência financeira é muitas vezes perpetrada pelos “descendentes ou pessoas com quem as vítimas têm uma ligação afetiva muito forte”, explica Isabel Gonçalves.

“Tiram-lhes o dinheiro, faltam-lhes com os cuidados necessários, tiram-lhes a liberdade de comunicar com outras pessoas para não contarem o que se passa, fecham-nos em casa, controlam telefonemas e saídas”, acrescenta a mesma responsável, referindo ainda a negligência e o abandono, nomeadamente nos hospitais, como outras formas de abuso muito frequentes.

A autonegligência – em que o idoso se isola, deixa de cuidar de si, entra em depressão e recusa qualquer ajuda – é, segundo a responsável, outra problemática muito premente.

[martine.rainho@regiaodeleiria.pt](mailto:martine.rainho@regiaodeleiria.pt)

**N.ºs**

### APAV registou quase mil vítimas em 2015

**977 idosos** com mais de 65 anos foram vítimas de violência em Portugal, de acordo com o relatório de 2015 da APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. 80,5% das vítimas são do sexo feminino, 58,4% são casadas e 29,5% são viúvas. Já a idade média ronda os 75,4 anos.

**12,3% das** pessoas com mais de 60 anos inquiridas pelo Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge no âmbito do projeto “Envelhecimento e violência 2011-2014” foi por sua vez vítima de pelo menos uma conduta de violência nos 12 meses anteriores ao inquérito

**64,9% das** vítimas idosas “não falou, nem contactou ou apresentou queixa sobre a situação vivida”, revela o Instituto. Muitos (38,1%) por considerarem o incidente “irrelevante”, outros (10,5%) devido aos laços afetivos com o agressor e 5,9% por medo

### Maioria dos idosos não apresenta queixa

**Dos 43 novos** casos de violência contra idosos registados pela Mulher Séc. XXI, de fevereiro a junho deste ano, a maioria das vítimas (95,2%) tem 65 ou mais anos, é do sexo feminino (60,5%), está reformada (95,3%) e não apresentou queixa às autoridades (72,1%).

Quanto ao tipo de queixas, 28 pessoas (62,2% dos casos) alegaram serem vítimas de violência psicológica, 17 (37,8%) de violência física e nove (20%) de negligência.

Dados avançados pela associação indicam ainda que são muitas vezes os descendentes das vítimas (35,6%) e os cônjuges (24,4%) os agressores. A maioria dos suspeitos (65,8%) é do sexo masculino, 41,2% trabalha, havendo ainda registo de dependência de álcool e/ou drogas em 34,8% das situações reportadas. Quanto aos agressores, em 29% dos casos, têm mais de 65 anos e em 25,4% entre 45 e 54 anos. Já em março, o Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) relativo a 2015 concluiu que a proporção de situações de violência sobre ascendente – isto de filhos

sobre pais – “aumenta à medida que vai avançando a idade” dos progenitores. A relação é de 31% entre as vítimas do sexo feminino com idades entre 65 e 74 anos e de 56% para quem tem 75 anos ou mais. Entre os homens sobe de 42% no grupo dos 65-74 anos para 61% entre os idosos com mais de 75 anos.

O projeto de investigação desenvolvido pelo Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge sobre “Envelhecimento e violência” confirma: “Nos indivíduos com mais de 76 anos, o risco de se ser vítima aumenta 10% por cada ano de idade”.

A Linha de Apoio à Vítima Idosa de Violência Doméstica (n.º 800 210 340) tem cobertura nacional e proporciona vários tipos de apoio, nomeadamente psicológico e psicossocial. Dos casos atendidos nos últimos meses, cerca de 24% foram encaminhados para apoio psicológico, 17,4% para a PSP e 8,7% para o Ministério Público.




# DISCO solidário

**AGIR, D.A.M.A E HMB, entre outros, são alguns dos artistas que integram este projeto totalmente solidário.**

O projeto solidário **PASSA AO OUTRO E NÃO AO MESMO** foi, pela segunda semana, o disco mais vendido em Portugal. Com 11 canções de 11 artistas nacionais, as receitas da compilação revertem a 100 por cento para 11 associações de solidariedade.

Todos os temas deste projeto (disponível em todas as lojas e plataformas digitais) foram

gravados no auditório da Rádio Comercial, cada um num período de 24 horas, e com um desafio: a última frase do tema anterior tinha de servir como ponto de partida para o seguinte.

David Fonseca, Diogo Piçarra, The Black Mamba, Átoa, Dengaz, Márcia, João Só, Amor Electro, AGIR, HMB e D.A.M.A são os artistas que integram este trabalho. 



**RÁDIO COMERCIAL**

DAVID FONSECA | ALDEIAS S.O.S  
 DIOGO PIÇARRA | A CREDITAR  
 BLACK MAMBA | CAIS  
 ÁTOA | UNIÃO ZOOFILA  
 DENGAZ | APAV  
 MÁRCIA | PAR  
 JOÃO SÓ | AJUDA DE BERÇO  
 AMOR ELECTRO | FUNDAÇÃO DO GIL  
 AGIR | BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME  
 HMB | RE-FOOD  
 D.A.M.A. | JUST A CHANGE

Música





*“O abuso sexual de crianças e jovens não tem de ser um segredo ...”*

...é a mais recente campanha da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), para promover o combate à violência sexual de menores. A campanha, assinada pela CARMEN (agência criativa do YoungNetwork Group), foi lançada com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do projeto CARE - uma rede de apoio especializado a crianças e jovens vítimas de violência sexual, que, por medo e vergonha, vivem na solidão e no isolamento. Trata-se de mais um apelo à denúncia. A campanha sublinha o papel fundamental das testemunhas, usando-as como protagonistas, personificados em brinquedos. Estes expressam em voz alta o que 'sabem', já muitas situações de abuso acontecem na casa das vítimas, muitas vezes no seu próprio quarto.





Crianças e jovens vítimas de violência sexual

# Consequências podem ser muito gravosas

*A avaliação da vítima é um reviver doloroso dos factos ocorridos, conforme diz, ao JM, a psicóloga Diva Fernandes.*



*As consequências para as vítimas existem em diversos domínios.*

## VIOLAÇÃO SEXUAL

Carla Ribeiro

carlaribeiro@jm-madeira.pt

Quanto mais idade têm, mais as crianças e jovens vítimas de violação sexual sentem o problema de que foram alvo. A opinião é da psicóloga Diva Fernandes, a qual, em declarações ao JM, refere que são interiorizados, pelas vítimas, graus de culpabilidade (que não têm) o que pode obstar à denúncia de situações de angústia que podem viver diariamente e por parte de pessoas que sabemos, não raras vezes, são adolescentes ou adultos nos quais, os pais da criança ou jovem confiam.

Quando falamos de violação sexual a crianças e jovens me-

nores, esta psicóloga é peremptória ao afirmar que «as consequências para as vítimas existem em diversos domínios: físico, psicológico, emocional, sexual e social, por exemplo».

Sobre o assunto que volta à baila - o da violação de menores - por causa de uma denúncia feita por uma jovem de 17 anos, da Calheta, contra um homem também daquela localidade e que alegadamente terá violado a rapariga numa piscina municipal, Diva Fernandes diz que as consequências destes casos podem ser vivências traumáticas melhor ou mais dificilmente ultrapassadas tendo em conta variados fatores, entre eles: rede de suporte afetivo, características da personalidade e a intervenção psicológica que venha a ser feita.

A avaliação da vítima é um reviver doloroso dos factos ocorridos.

«Passa, entre outros indicadores por considerar-se se o menor apresenta um desenvolvimento global e cognitivo, capacidade narrativa e amnésica, lógica, coerência, distinção verdade e mentira e realidade de fantasia de forma a concluir-se se há capacidade para prestar um testemunho válido a par dos exames médicos e outras formas de avaliação forense a que as vítimas são submetidas», explica.

Diva Fernandes já acompanhou tanto crianças como jovens vítimas de violação sexual. Deu também acompanhamento a agressores. Estes últimos «tinham sido condenados a penas suspensas ou tinham cumprido pena efetiva e estavam em liberdade condicional». Por regra, negam os factos apesar das condenações e manifestam atitudes e crenças associadas à legitimação do abuso sexual. **JM**

*Psicóloga diz que é urgente*

## Intervenção terapêutica junto dos agressores

Diva Fernandes diz que é urgente a aposta nos programas de prevenção primária direccionados a toda a comunidade. Acrescenta que «vários colegas da área da psicologia forense têm criado excelentes materiais nesse sentido». A psicóloga é ainda de opinião de que, não menos importante, é pensar na necessidade de aplicar programas de intervenção terapêutica junto dos agressores (adolescentes e adultos).

«É muito difícil moralmente, socialmente, aceitar que estas pessoas sentem excitação e atração sexual por crianças, mas em boa verdade, em termos abstratos o seu funcionamento é perfeitamente comparável com os homossexuais cuja excitação resulta da envolvimento sexual com alguém do mesmo sexo ou com os heterossexuais em que essa excitação resulta da envolvimento com alguém do sexo oposto», afirma ainda a nossa interlocutora.

Arede de apoio especializado da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), criada em janeiro, acompanhou, em média, 17 menores por mês. A maioria era vítima de crimes cometidos

em contexto familiar. Entre 2013 e 2015, a APAV apoiou 281 crianças e, no primeiro semestre deste ano, já com a rede a funcionar, acompanhou 103. A maioria são meninas, 35% das quais com idades entre os 14 e os 17 anos. Em 4% por cento dos casos, a vítima era filha/0 ou enteada (o) do agressor. No primeiro semestre deste ano, foram identificados 110 agressores, 93% homens.

Neste ano, a APAV quer ajudar 150 crianças, o dobro das apoiadas em 2015. Sublinhe-se ainda que quase um quarto dos casos foi referenciado para a APAV pela Polícia Judiciária. Contudo, estão também atentos a PS, as comissões de proteção de menores, as escolas, os estabelecimentos de saúde, e GNR e até familiares e amigos.

A Rede CARE surgiu do projeto CARE, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e tem como objetivo especializar o apoio que é dado a crianças e jovens vítimas de violência sexual. Presta apoio jurídico e tem também como objetivo sensibilizar os magistrados do MP para a importância deste acompanhamento a crianças e jovens, numa lógica continuada.



**Denúncias** Um quarto dos que procuram apoio relata maus-tratos físicos

# Violência contra homens cresceu 14% em três anos



No ano passado, mais de 450 homens pediram ajuda à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

**Dina Margato**  
dina.margato@jn.pt

► Os homens estão a perder a vergonha e recorrem, cada vez mais, à ajuda especializada dos técnicos da Associação Portuguesa do Apoio à Vítima (APAV). Em 2015, os psicólogos da associação acompanharam 452 pessoas do sexo masculino que foram alvo de violência doméstica. Em três anos, a procura de apoio especializado cresceu 14,4%.

Em 2013, tinham sido registados 395 casos e, no ano seguinte, 393. No total dos três anos, 1240 homens bateram à porta da APAV. "São dados importantes porque revelam que estes resolvem pôr fim ao ciclo de violência", explica Daniel Cotrim, um dos responsáveis. "Sendo que estes continuam a sentir medo e vergonha, socialmente, mantém-se um fenómeno mal aceite."

Os maus-tratos psíquicos – no concreto, berros, humilhação cons-

**Maus-tratos psíquicos representam 38% das denúncias apresentadas por homens à APAV**

tante, gozo, controlo e monitorização de todos os atos – predominam, com uma representatividade de 38%. Por essa razão, a APAV lançou ontem a campanha em que mostra uma bola no interior do crânio, sinal de que os danos não têm de ser necessariamente visíveis.

O denominador comum da prática da agressão parece estar na tentativa de subjugação. "No fundo, estamos sempre a falar de alguém que exerce uma relação de poder sobre o outro, partindo da crença que alguém é forte e que o outro é fraco, aproveitando a fragilidade do outro", sintetiza o psicólogo.

Aos efeitos psíquicos juntam-se os maus tratos físicos, presentes em 25% dos casos. E aqui ganham relevância empurrões, bofetadas, murros – perpetrados sobretudo pelas jovens contra os namorados, refere Daniel Cotrim.

As ameaças são também outro prato forte no contexto de violência conjugal (16,4%). O psicólogo recorda entre as denúncias frequentemente ouvidas pelos técnicos: "Vê lá se não é esta a última vez que vais comer a sopa".

O relatório da APAV revela que a maioria das situações (56%) ocorre entre parceiros amorosos, posicionando-se em segundo lugar os filhos agressores dos próprios pais. Nestes casos, a denúncia adia-se até à exaustão, sofre enorme resistência, "porque os progenitores não querem prejudicar os seus filhos".

O último Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) não discrimina o número de homens mortos em contexto de conjugalidade e indica apenas que foram 38 as pessoas assassinadas dentro da categoria. Em 2013, o RASI apontava dez homens e 30 mulheres. Em 2014, teriam sido 25, todas mulheres.

Estes dados não coincidem com os do Observatório de Mulheres Assassinadas (OMA), porque a recolha parte dos elementos extraídos das notícias e os números oficiais somam denúncias e inquiridos concluídos. O OMA contou 29 mulheres assassinadas em 2015 e 39 mulheres vítimas de tentativa de femicídio. ●



## Mais homens pedem ajuda por violência doméstica

**CRIME** Nos últimos três anos, aumentou 14,4% o número de homens que pediram auxílio à APAV por terem sido vítimas de violência doméstica

António era ameaçado pela companheira sempre que se preparava para jantar: "Esta pode ser a tua última refeição." Por vezes, o homem, de 54 anos, também sofria maus-tratos físicos, como murros e empurrões. Na esperança de reatar a relação com a mulher, pediu ajuda à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. "Não é uma situação atípica. O medo de envenenamento é comum", disse ao DN Daniel Cotrim, da direção da APAV.

Cada vez chegam mais casos à associação. Entre 2013 e 2015, a APAV registou um total de 1240 homens adultos vítimas de violência doméstica, tendo-se verificado um aumento de 14,4% entre 2013 e 2015. Mas ainda há muitas situações ocultas. É sobretudo a vergonha que impede os homens de apresentarem queixa, o que levou a APAV a lançar uma campanha especificamente direcionada para o sexo masculino, para "romper o ciclo de vergonha".

Na opinião de Daniel Cotrim, o aumento nas denúncias estará relacionado com o facto de existir "cada vez mais informação e sensibilização para estas matérias". Por outro lado, prossegue, "os homens têm consciência de que a lei portuguesa não discrimina homens e mulheres, que pune agressores e agressoras".

Na maioria dos casos (60%), as mulheres são as autoras das agressões, sendo, nos restantes, as mesmas protagonizadas "por filhos, cônjuges ou companheiros". E são sobretudo os mais velhos, com mais de 65 anos, aqueles que mais sofrem. "Estão em situações de maior fragilidade e até de maior dependência", justifica Daniel Cotrim.

Ao contrário do que acontece com as mulheres, predomina a violência psicológica, como "ameaças, coação, injúrias". Cerca de 25% dos casos estão associados a violência física, nomeadamente espancamentos e atropelamentos. "Que se seguem após muitos anos de violência psicológica."

A campanha da APAV vai estar disponível no *site* da associação e na sua página de Facebook, existindo também um vídeo que pode ser partilhado a partir do YouTube.

De acordo com o último Relatório Anual de Segurança Interna, cerca de 15% das vítimas de violência doméstica são homens. J.C.



ENTRE 2013 E 2015

# CRIMES DOMÉSTICOS ENTRE HOMENS FAZEM 485 VÍTIMAS

JOÃO CARLOS RODRIGUES

**P**elo menos 485 homens foram vítimas de violência doméstica às mãos de outros homens nos últimos três anos, revelou ontem a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Os dados mostram que entre 2013 e 2015 houve um aumento de 15% de homens vítimas de violência doméstica – 395 queixas em 2013, 393 em 2014 e 452 no ano passado, num total de 1240 denúncias. Os números, apresentados por motivo do lançamento de uma campanha de sensibi-

## APAV REGISTOU 1240 CASOS DE HOMENS VÍTIMAS EM CASA

lização sobre a violência doméstica no masculino, revelam que 39,2% dos agressores nestes casos são homens. O estudo, no entanto, não faz uma relação entre casais homossexuais e outros contextos em que vítima e agressor são homens, mas em 56% do total de casos denunciados há uma relação conjugal. De acordo com Daniel Cotrim, assessor técnico da direção da APAV, os casos de violência doméstica nos homens têm características específicas, que os distinguem da violência doméstica nas mulheres, já que são situações em que impera a violência psicológica. “É preciso dar apoio e mostrar que as associações estão preparadas para ajudar”, disse. ●



**SOBE**  
**DANIEL**  
**COTRIM**

APAV



Associação Portuguesa de Apoio à Vítima lançou campanha de sensibilização para a violência doméstica sobre os homens.

**DESCE**  
**LUÍS**  
**CATARINO**  
HOMICIDA CONDENADO



Foi condenado, pela segunda vez, por homicídio, mas vai sair em liberdade devido a recurso que ditou a repetição do julgamento.



## Homens alvo de campanha da APAV sobre violência doméstica

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lança uma campanha de sensibilização para o fenómeno da violência doméstica contra os homens e apresenta as Estatísticas APAV | Homens Vítimas de Violência Doméstica 2013-2015.

A campanha foi desenvolvida criativamente por Alexandre Freitas, Irene Nita, Joana Oliveira, João Humberto e Margarida Marques, alunos do curso de Publicidade e Marketing da Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa para a APAV.

Esta nova campanha aponta a vergonha como uma marca num homem vítima de violência doméstica, premissa que serve de mote à campanha. Com base na imagem de uma ressonância magnética do cérebro humano, a campanha pretende dar imagem à vergonha, emoção comum nas vítimas, e que tal como a violência doméstica permanece, muitas vezes, invisível.

Apesar da prevalência do crime de violência doméstica sobre as mulheres ser muito superior, os homens também são vítimas deste crime. Entre 2013 e 2015, a APAV registou um total de 1.240

homens adultos vítimas de violência doméstica, tendo-se verificado um aumento de 14,4% entre 2013 e 2015.

Os homens vítimas de violência doméstica podem ser alvo de comportamentos de controlo, agressões físicas e psicológicas. O medo e a vergonha surgem como a principal barreira ao primeiro pedido de ajuda. O receio do descrédito e da humilhação, que pode, muitas vezes, surgir de familiares, amigos e até mesmo instituições policiais e judiciais, impede a decisão da denúncia da vitimação.





ENTRE OS ANOS DE 2013 E 2015

# APAV regista na região 79 casos de homens vítimas de violência

Entre os anos de 2013 e 2015, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima registou, no

distrito de Braga, 73 denúncias de homens vítimas de violência doméstica, o que corresponde a 5,9% do valor nacional. Em Viana do Castelo, o número desce para seis (0,5%).

Os dados foram divulgados pela APAV, através de um relatório que dá nota que, neste período, foram registados 22373 processos de apoio a vítimas de violência doméstica.

No que respeita a homens vítimas deste tipo de crime, nestes três anos a APAV contabilizou 1240 homens adultos (395 em 2013, 393 em 2014 e 452 em 2015), registando-se, aqui, um aumento de 14,4 por cento de 2013 para

2015. São os homens em idade avançada as principais vítimas, representando 27,6% dos casos.

Na maior parte das situações, a vítima é cônjuge (353), pai/pãe (203) ou filho/a (169). Nos restantes casos, as vítimas e os agressores são companheiros ou ex-companheiros ou ex-cônjuge.

No que respeita a condição económica da vítima, a que mais se destacou foi a de empregado/a (29,8%) e reformado/a (28,1%). Quanto à atividade económica do autor do crime, 25,5% estavam empregados e 21% desempregados, enquanto que 10,9% encontravam-se reformados.

Ainda de acordo com os dados obtidos pela APAV, o autor do crime é maioritariamente do sexo feminino (60,8%) e tem idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos de idade (32,2%).

Com o objetivo de sensibilizar para o fenómeno da violência doméstica contra os homens, a APAV acaba de lançar uma campanha que aponta a vergonha como uma marca. Com base na imagem de uma ressonância magnética do cérebro humano, a campanha pretende dar imagem à vergonha, emoção comum nas vítimas, e que tal como a violência doméstica permanece, muitas vezes, invisível.





DADOS DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA

# Casos de homens vítimas de violência doméstica aumentaram 15%

## VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

| Redação/Lusa |

O número de homens vítimas de violência doméstica aumentou quase 15% entre 2013 e 2015, com mais de 1.200 casos, segundo dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, que lançou uma campanha contra a vergonha em denunciar.

Os números da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) são claros e mostram que tem havido uma tendência crescente no número de casos de homens vítimas de violência doméstica que pedem ajuda.

Em declarações à agência Lusa, Daniel Cotrim, assessor técnico da direção, explicou que a APAV decidiu avançar com es-

ta campanha especialmente direcionada para os homens porque este fenómeno também faz parte da realidade que compõe a violência doméstica.

“Sabemos que estatisticamente as mulheres ainda são mais vítimas deste crime do que os homens, mas aquilo que temos vindo a reparar nos nossos números é que entre 2013 e 2015 houve um aumento de quase 15% de denúncias de homens adultos vítimas de violência doméstica junto dos nossos gabinetes de apoio à vítima”, adiantou.

Os dados estatísticos da APAV mostram que, em 2013, 395 homens recorreram aos serviços da associação, número que caiu ligeiramente para 393 em 2014 e que chegou aos 452 em 2015.

No total, 1.240 homens pediram ajuda por terem sido vítimas de violência doméstica.

De acordo com a APAV, são sobretudo os homens mais velhos, com mais de 65 anos, as vítimas, representando 27,6% do total.

Por outro lado, em 56% dos casos denunciados, vítima e agressor têm uma relação conjugal.

De acordo com Daniel Cotrim, os casos de violência doméstica nos homens têm características específicas, que os distinguem da violência doméstica nas mulheres, já que são situações em que impera a violência psicológica. As estatísticas da associação mostram que em 38,2% dos casos denunciados houve maus tratos psíquicos e em 25% maus tratos físicos.

## APAV lança campanha dirigida a homens vítimas de violência doméstica

DANIELA PAULO 30/08/2016 - 23:26

Só em 2015 foram apresentadas 452 queixas por homens, mais 14,4% do que em 2013.



Entre 2013 e 2015 a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou 22.373 processos de apoio relacionados com violência doméstica. Em 1240 deles as vítimas eram do sexo masculino. Só no último ano foram apresentadas 452 queixas por homens, mais 14,4% do que em 2013. Face a estes números, a associação lançou uma campanha especial. Destina-se a sensibilizar a população para o fenómeno da violência doméstica contra os homens.

Daniel Cotrim, assessor técnico da direcção, explicou à Lusa que a APAV decidiu avançar porque este fenómeno também faz parte da realidade que compõe a violência doméstica. “Sabemos que estatisticamente as mulheres ainda são mais vítimas deste crime do que os homens, mas aquilo que temos vindo a reparar nos nossos números é que entre 2013 e 2015 houve um aumento de quase 15% de [denúncias de homens adultos vítimas de violência doméstica](#) junto dos nossos gabinetes de apoio à vítima.”

A campanha pretende “sensibilizar para as questões do medo e da vergonha, que surgem como principal barreira ao primeiro pedido de ajuda”.

A maioria dos processos que chegam à APAV com vítimas-homens dizem respeito a relações conjugais, totalizando 667 vítimas ou seja 54 % das denúncias. Destas, 75% dos autores das agressões eram companheiros ou maridos/mulheres das vítimas e 25% eram ex-companheiros ou ex-cônjuges. Há também um número significativo de casos onde a violência surge nas relações entre pais e filhos (30%). São dados estatísticos divulgados pela associação na sequência do lançamento da campanha.



Cartaz da APAV DR

Os homens com idade superior a 65 anos são uma fatia importante das vítimas de violência doméstica, representando 27,6% das queixas. Por sua vez, os agressores, na sua maioria do sexo feminino (60,8%), têm idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos (32,2%).

Segundo a APAV mais de 60 % das denúncias estão relacionadas com maus-tratos psíquicos e físicos sendo que os maus-tratos psíquicos representam grande parte dos casos (38,2%).

“Os homens vítimas de violência doméstica podem ser alvo de comportamentos de controlo, agressões físicas e psicológicas” mas “o receio do descrédito e da humilhação”, por parte de amigos, familiares e até de instituições policiais impede, muitas vezes, a decisão da denúncia da vitimação, afirma a APAV em comunicado.

Daniel Cotrim acrescenta: “É preciso que os homens se libertem deste peso do medo e da vergonha de pedirem ajuda, de terem medo de serem humilhados, de que não acreditem neles junto das autoridades ou das instituições.” Felizmente, acrescenta, “muito se avançou e muito se aprendeu relativamente a estas questões”.

A campanha estará disponível no *site* e no Facebook da associação, existindo também um vídeo no YouTube.

*Texto editado por Andreia Sanches*

## Homens vítimas de violência doméstica começam a perder a vergonha

30 ago, 2016 - 15:02

Denúncias aumentam 15%, diz a APAV. Em 2015, 452 homens pediram ajuda à associação.



*O vídeo da campanha da APAV*

O número de homens vítimas de violência doméstica aumentou quase 15% entre 2013 e 2015, com mais de 1.200 casos, segundo dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que lançou uma campanha contra a vergonha em denunciar.

Os números da APAV são claros e mostram que tem havido uma tendência crescente no número de casos de homens vítimas de violência doméstica que pedem ajuda.

Em declarações à agência Lusa, Daniel Cotrim, assessor técnico da direcção, explicou que a APAV decidiu avançar com esta campanha especialmente direccionada para os homens porque este fenómeno também faz parte da realidade que compõe a violência doméstica.

"Sabemos que estatisticamente as mulheres ainda são mais vítimas deste crime do que os homens, mas aquilo que temos vindo a reparar nos nossos números é que entre 2013 e 2015 houve um aumento de quase 15% de denúncias de homens adultos vítimas de violência doméstica junto dos nossos gabinetes de apoio à vítima", adiantou.

Os dados estatísticos da APAV mostram que, em 2013, 395 homens recorreram aos serviços da associação, número que caiu ligeiramente para 393 em 2014 e que chegou aos 452 em 2015. No total, 1.240 homens pediram ajuda por terem sido vítimas de violência doméstica.

De acordo com a APAV, são sobretudo os homens mais velhos, com mais de 65 anos, as vítimas, representando 27,6% do total. Por outro lado, em 56% dos casos denunciados, vítima e agressor têm uma relação conjugal.

## **Violência é mais psicológica do que física**

De acordo com Daniel Cotrim, os casos de violência doméstica nos homens têm características específicas, que os distinguem da violência doméstica nas mulheres, já que são situações em que impera a violência psicológica. As estatísticas da associação mostram que em 38,2% dos casos denunciados houve maus tratos psíquicos e em 25% maus tratos físicos, totalizando mais de 60% dos crimes denunciados.

Relativamente às características do autor das agressões, os dados da APAV mostram que em 60,8% dos casos são mulheres, com idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos (32,2%). Daniel Cotrim explicou que o mote da campanha é falar daquilo que muitas vezes impede os homens de apresentarem queixa quando são vítimas de violência doméstica: a vergonha.

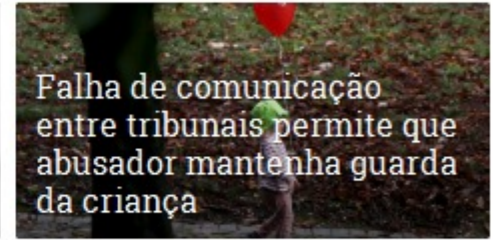
"Sobretudo trabalhar esta questão e sensibilizar para as questões do medo e da vergonha, que surgem como principal barreira ao primeiro pedido de ajuda. O silêncio é uma grande arma que está do lado da agressora, na grande maioria das situações", apontou.

O assessor técnico da APA frisou que a lei portuguesa não tem género e não discrimina quem quer denunciar situações de violência doméstica, apoiando tanto homens como mulheres.

Daniel Cotrim admitiu que os número de casos de homens que denunciam é ainda baixo, mas lembrou que o mesmo aconteceu com a violência doméstica no feminino, defendendo que é "preciso fazer alguma coisa abertamente", dar apoio e mostrar que as associações já estão preparadas para prestar apoio aos homens vítimas de violência doméstica.

"É preciso que os homens se libertem deste peso do medo e da vergonha de pedirem ajuda, de terem medo de serem humilhados, de que não acreditem neles junto das autoridades ou das instituições. Felizmente muito se avançou e muito se aprendeu relativamente a estas questões", defendeu.

A campanha vai estar disponível no [site da APAV](#) e na [página de Facebook da associação](#).



# VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: HOMENS TAMBÉM SÃO VÍTIMAS E TÊM VERGONHA DE APRESENTAR QUEIXA

30 AGOSTO 2016 // SAPO LIFESTYLE // NOTÍCIAS // LUSA

f PARTILHAR t PARTILHAR s+ PARTILHAR p PINT IT i IMPRIMIR d DESCARREGAR PDF

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lançou uma campanha de sensibilização para o fenómeno da violência doméstica no masculino e disponibilizou diversos dados sobre o tema.



Com base na imagem de uma ressonância magnética do cérebro humano, a campanha desenvolvida pela Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa para a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) pretende dar imagem à vergonha, emoção comum nas vítimas, e que tal como a violência doméstica permanece, muitas vezes, invisível.

De acordo com os dados disponibilizados, entre 2013 e 2015 a APAV registou 22.373 casos de violência doméstica, sendo que a maior incidência se registou no ano passado com 7.864 processos.

Em termos de género, as mulheres são as mais afetadas, ocupando o papel de vítima de 80% dos casos. Mas a verdade é que o sexo masculino apesar de não ser tão noticiado também é vítima de violência doméstica.

Entre 2013 e 2015 foram registadas 1.240 casos de violência doméstica em homens adultos. Um

PUB

PUB

NEWSLETTER

Fique a par das novidades do SAPO Lifestyle. Todos os dias. Grátis. No seu e-mail.

SUBSCREVA A NEWSLETTER

## ÚLTIMOS

- Escolas a postos. Há mais 500 professores contratados este ano
- Cada vez mais pais recusam-se a vacinar os filhos
- Empresa transforma desenhos de crianças em roupa
- Casos de homens vítimas de violência doméstica aumentaram 15% nos últimos dois anos
- Ano letivo arranca com falta de 6 mil trabalhadores nas escolas

PUB

Entre 2013 e 2015 foram registados 1.240 casos de violência doméstica em homens adultos. Um número preocupante se tivermos em conta o aumento de 14,4% verificado de 2013 (395 casos) para 2015 (452 casos).

“Sabemos que estatisticamente as mulheres ainda são mais vítimas deste crime do que os homens, mas aquilo que temos vindo a reparar nos nossos números é que entre 2013 e 2015 houve um aumento de quase 15% de denúncias de homens adultos vítimas de violência doméstica junto dos nossos gabinetes de apoio à vítima”, adiantou Daniel Cotrim, assessor técnico da direção da APAV, à agência Lusa.

Os casos de violência doméstica nos homens têm características específicas, que os distinguem da violência doméstica nas mulheres, já que são situações em que impera a violência psicológica. Os casos com mais denúncias recaem sobre maus tratos psíquicos (38,2%) e físicos (25%), mas a verdade é que o sexo masculino também é alvo de ameaças/coação (16,4%) ou injúrias/difamação (11,6%) por parte dos cônjuges, identificados com o principal agressor em 56% parte dos casos.

Consoante o perfil traçado, a vítima do sexo masculino tem mais de 65 anos idade (27,6%), tem uma situação profissional estável (29,8%) e com residência na região de Lisboa (18,9%), Porto (15,2%) e Faro (12,1%).

Por outro lado, o agressor é maioritariamente do sexo feminino (60,8%), empregado (25,5%) e com idades compreendidas entre 35-54 anos (32,2%).

Daniel Cotrim explicou que o mote da campanha é falar daquilo que muitas vezes impede os homens de apresentarem queixa quando são vítimas de violência doméstica: a vergonha.

“Sobretudo trabalhar esta questão e sensibilizar para as questões do medo e da vergonha, que surgem como principal barreira ao primeiro pedido de ajuda. O silêncio é uma grande arma que está do lado da agressora, na grande maioria das situações”, apontou.

O assessor técnico da APAV frisou que a lei portuguesa não tem género e não discrimina quem quer denunciar situações de violência doméstica, apoiando tanto homens como mulheres. O número de casos de homens que denunciam ainda é baixo, mas lembrou que o mesmo aconteceu com a violência doméstica no feminino, defendendo que é “preciso fazer alguma coisa abertamente”, dar apoio e mostrar que as associações já estão preparadas para prestar apoio aos homens vítimas de violência doméstica.

“É preciso que os homens se libertem deste peso do medo e da vergonha de pedirem ajuda, de terem medo de serem humilhados, de que não acreditem neles junto das autoridades ou das instituições. Felizmente muito se avançou e muito se aprendeu relativamente a estas questões”, defendeu.

 PARTILHAR
  PARTILHAR
  PARTILHAR
  PINT IT
  IMPRIMIR
  DESCARREGAR PDF

## COMENTÁRIOS





10 COMENTÁRIOS SAPO





 Iniciar sessão ▾

Recomendar  Partilhar

Mostrar primeiro os mais votados ▾



 **John Montanelas** • há 14 horas - |   
 Só se forem os rabetas!! Se fosse comigo levava logo uma cabeçada à preto que até lhe saltava os dentes!!  
 3   • Responder • Partilhar >

 **S4t** > John Montanelas • há 13 horas - |   
 E depois quem tem problemas és tu porque a agrediste. No fim já ninguém quer saber quem começou.  
 As vezes não é ser rabeta, é usar a cabeça e perceber que vivemos num mundo onde "só os homens batem e as mulheres são sempre as vítimas" e que um registo criminal nos pode lixar para o resto da vida.  
 3   • Responder • Partilhar >

 **John Montanelas** > S4t • há 13 horas - |   
 Não agredi nada, são espasmos!!!!  
 2   • Responder • Partilhar >

**Política de Cookies IMPRESA**

O Grupo Impresa publicou uma nova [política de cookies](#). Para saber o que são cookies e como são usados nos nossos sites, por favor, leia a [política de cookies](#). Se quiser desativar os cookies neste dispositivo, por favor, veja a nossa página de informação sobre "[Como gerir os cookies](#)". Optando pela desativação, algumas partes do nosso site poderão não funcionar corretamente. Ao fechar esta mensagem, e exceto se tiver desativado as cookies, concorda com o seu uso neste dispositivo, de acordo com a [política de cookies](#).

FECHAR

PAÍS

## Casos de homens vítimas de violência doméstica aumentou 15% entre 2013 e 2015



30.08.2016 18h14

O número de homens vítimas de violência doméstica aumentou quase 15% entre 2013 e 2015, com mais de 1.200 casos, segundo dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, que lançou uma campanha contra a vergonha em denunciar.

Os números da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) são claros e mostram que tem havido uma tendência crescente no número de casos de homens vítimas de violência doméstica que pedem ajuda.

Em declarações à agência Lusa, Daniel Cotrim, assessor técnico da direção, explicou que a APAV decidiu avançar com esta campanha especialmente direcionada para os homens porque este fenómeno também faz parte da realidade que compõe a violência doméstica.

"Sabemos que estatisticamente as mulheres ainda são mais vítimas deste crime do que os homens, mas aquilo que temos vindo a reparar nos nossos números é que entre 2013 e 2015 houve um aumento de quase 15% de denúncias de homens adultos vítimas de violência doméstica junto dos nossos gabinetes de apoio à vítima", adiantou.

Os dados estatísticos da APAV mostram que, em 2013, 395 homens recorreram aos serviços da associação, número que caiu ligeiramente para 393 em 2014 e que chegou aos 452 em 2015. No total, 1.240 homens pediram ajuda por terem sido vítimas de violência doméstica.

De acordo com a APAV, são sobretudo os homens mais velhos, com mais de 65 anos, as vítimas, representando 27,6% do total.

Por outro lado, em 56% dos casos denunciados, vítima e agressor têm uma relação conjugal.

De acordo com Daniel Cotrim, os casos de violência doméstica nos homens têm características específicas, que os distinguem da violência doméstica nas mulheres, já que são situações em que impera a violência psicológica.

As estatísticas da associação mostram que em 38,2% dos casos denunciados houve maus tratos psíquicos e em 25% maus tratos físicos, totalizando mais de 60% dos crimes denunciados.

Relativamente às características do autor das agressões, os dados da APAV mostram que em 60,8% dos casos são mulheres, com idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos (32,2%).

Daniel Cotrim explicou que o mote da campanha é falar daquilo que muitas vezes impede os homens de apresentarem queixa quando são vítimas de violência doméstica: a vergonha.

"Sobretudo trabalhar esta questão e sensibilizar para as questões do medo e da vergonha, que surgem como principal barreira ao primeiro pedido de ajuda. O silêncio é uma grande arma que está do lado da agressora. na

PUBLICIDADE



EM MINHA CASA  
SÓ TENHO  
DE SER EU



**NOVO CATÁLOGO IKEA 2017**  
ESTÁ A CHEGAR À SUA CAIXA DO CORREIO

### ÚLTIMAS NOTÍCIAS >

há 4 minutos

Papa recebeu Zuckerberg no Vaticano

há 6 minutos

Diretores querem professores colocados nas escolas até ao final de julho

há 21 minutos

Papa envia carta ao Congresso Mariológico Mariano Internacional de Fátima

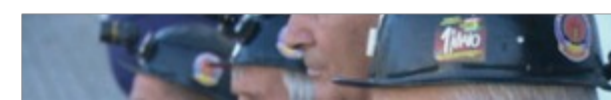
há 24 minutos

Marcelo "apanhado" a fazer "dabbing" num supermercado da Madeira

há 26 minutos

Marcelo Rebelo de Sousa nas Selvagens para "marcar território"

### DESTAQUES





Sobretudo trabalhar esta questão e sensibilizar para as questões do medo e da vergonha, que surgem como principal barreira ao primeiro pedido de ajuda. O silêncio é uma grande arma que está do lado da agressora, na grande maioria das situações", apontou.

O assessor técnico da APA frisou que a lei portuguesa não tem género e não discrimina quem quer denunciar situações de violência doméstica, apoiando tanto homens como mulheres.

Daniel Cotrim admitiu que os número de casos de homens que denunciam é ainda baixo, mas lembrou que o mesmo aconteceu com a violência doméstica no feminino, defendendo que é "preciso fazer alguma coisa abertamente", dar apoio e mostrar que as associações já estão preparadas para prestar apoio aos homens vítimas de violência doméstica.

"É preciso que os homens se libertem deste peso do medo e da vergonha de pedirem ajuda, de terem medo de serem humilhados, de que não acreditem neles junto das autoridades ou das instituições. Felizmente muito se avançou e muito se aprendeu relativamente a estas questões", defendeu.

A campanha vai estar disponível no site da APAV e na página de Facebook da associação, havendo também um vídeo que pode ser partilhado a partir do youtube.

Lusa

## ■ PALAVRAS-CHAVE

MAUS-TRATOS

ENTRE 2013 E 2015

DANIEL COTRIM

QUESTÕES SOCIAIS

APAV

CRIME, LEI E JUSTIÇA

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA



## ■ COMENTÁRIOS

## ■ NA HOMEPAGE >

PAÍS

# Prisão preventiva para suspeito de agredir jovem de Gondomar

O Tribunal de Instrução Criminal (TIC) do Porto determinou esta terça-feira a prisão preventiva para o suspeito de agredir domingo em Gondomar um jovem de 14 anos que acabou por morrer na noite de segunda-feira.



O MEU BAIRRO

## 📺 O meu bairro: Vale da Oca

Hoje no Jornal da Noite



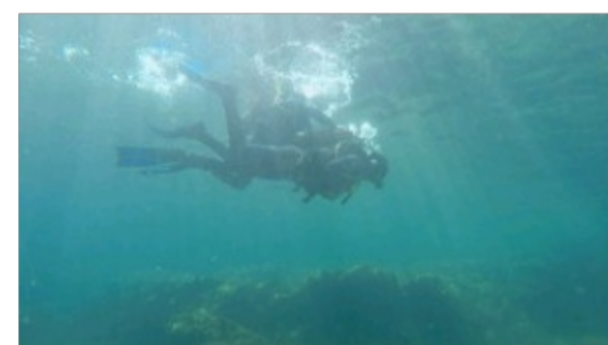
O DIA SEGUINTE

## 📺 Adrien Silva de saída? A análise do Dia Seguinte



IR É O MELHOR REMÉDIO

## 📺 Ir ao Alentejo



VAMOS À PRAIA

## 📺 A melhor praia para mergulho



REPORTAGEM ESPECIAL

## 📺 Ilha à espera do Zika



CARTAZ

## 📺 Cineasta dinamarquês filma memórias dos anos 70

Cartaz de Cinema



### APAV lança campanha sobre Violência Doméstica contra Homens

15:27 - 30/08/2016

NACIONAL

[Tweet](#) [G+](#) [0](#)

A campanha foi desenvolvida criativamente por Alexandre Freitas, Irene Nita, Joana Oliveira, João Humberto e Margarida Marques, alunas/os do curso de Publicidade e Marketing da Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa para a APAV.

Esta nova campanha aponta a vergonha como uma marca num homem vítima de violência doméstica, premissa que serve de mote à campanha. Com base na imagem de uma ressonância magnética do cérebro humano, a campanha pretende dar imagem à vergonha, emoção comum nas vítimas, e que tal como a violência doméstica permanece, muitas vezes, invisível.

Apesar de a prevalência do crime de violência doméstica sobre as mulheres ser muito superior, os homens também são vítimas deste crime. Entre 2013 e 2015, a APAV registou um total de 1.240 homens adultos vítimas de violência doméstica, tendo-se verificado um aumento de 14,4% entre 2013 e 2015.

Os homens vítimas de violência doméstica podem ser alvo de comportamentos de controlo, agressões físicas e psicológicas. O medo e a vergonha surgem como a principal barreira ao primeiro pedido de ajuda. O receio do descrédito e da humilhação, que pode, muitas vezes, surgir de familiares, amigos e até mesmo instituições policiais e judiciais, impede a decisão da denúncia da vitimação.

Por APAV

pesquisar...

**Newsletter**

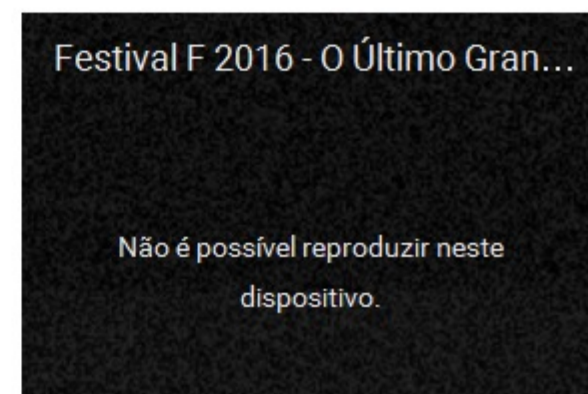
Preencha o campo para subscrever a newsletter

o seu email...  **ENVIAR**



#### noticias mais lidas

- 18/08/2016
- Sismo de 4,0 registado a sul de Faro [>](#)
- 01/08/2016
- LOULÉ SUMMER PROMETE AGITAR VERÃO ALGARVIO [>](#)
- 02/08/2016
- Avistamento de Baleias no Algarve (C/VIDEO) [>](#)



SIGA-NOS



Acompanhe-nos nas redes sociais



OPINIÃO

**Um alerta de fim de estação**

Por Rui Cabrita

PROCURAR

Home » Nacional » Casos de homens vítimas de violência doméstica aumentam

**CASOS DE HOMENS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA AUMENTAM**

by Postal on 30-Agosto-2016



O medo e a vergonha são as principais barreiras para pedir ajuda

O número de homens vítimas de violência doméstica aumentou quase 15% entre 2013 e 2015, com mais de 1.200 casos, segundo dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, que lançou uma campanha contra a vergonha em denunciar.

Os números da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) são claros e mostram que tem havido uma tendência crescente no número de casos de homens vítimas de violência doméstica que pedem ajuda.

Em declarações à Lusa, Daniel Cotrim, assessor técnico da direcção, explicou que a APAV decidiu avançar com esta campanha especialmente direccionada para os homens porque este fenómeno também faz parte da realidade que compõe a violência doméstica.

“Sabemos que estatisticamente as mulheres ainda são mais vítimas deste crime do que os homens, mas aquilo que temos vindo a reparar nos nossos números é que entre 2013 e 2015 houve um aumento de quase 15% de denúncias de homens adultos vítimas de violência doméstica junto dos nossos gabinetes de apoio à vítima”, adiantou.

Os dados estatísticos da APAV mostram que, em 2013, 395 homens recorreram aos serviços da associação, número que caiu ligeiramente para 393 em 2014 e que chegou aos 452 em 2015. No total, 1.240 homens pediram ajuda por terem sido vítimas de violência doméstica.

De acordo com a APAV, são sobretudo os homens mais velhos, com mais de 65 anos, as vítimas, representando 27,6% do total.

Por outro lado, em 56% dos casos denunciados, vítima e agressor têm uma relação conjugal.

De acordo com Daniel Cotrim, os casos de violência doméstica nos homens têm características específicas, que os distinguem da violência doméstica nas mulheres, já que são situações em que impera a violência psicológica.

As estatísticas da associação mostram que em 38,2% dos casos denunciados houve maus tratos

**PUB**

**ÚLTIMAS**



**Hoteleiros algarvios queixam-se de alugueres ilegais e pedem mais fiscalização**

Postal | Ago 30, 2016

A principal associação hoteleira do Algarve alertou esta terça-feira para o aluguer ilegal de alojamentos para ....

**Pierre Aderne traz bossa nova e jazz a Loulé**

AGENDA CULTURA | AGO 30, 2016

**Primeira pedra da futura capela da Manta Rota já foi lançada**

CULTURA | AGO 30, 2016

**Casos de homens vítimas de violência doméstica aumentam**

NACIONAL SOCIEDADE | AGO 30, 2016

**Lagos: Executivo aprova moção pela defesa da qualidade dos serviços de saúde do concelho**

SAÚDE | AGO 30, 2016

**Recentes Populares Comentários**



Postal | Agosto 30, 2016



Postal | Agosto 30, 2016



Postal | Agosto 30, 2016

**PUB**

**Conversa informada sobre cancro da mama:**  
da prevenção à intervenção psico-oncológica

**23 SETEMBRO 2016 TAVIRA**

- ✓ Workshop Laço "Cuide de Si!"
- ✓ Psico-oncologia da mama



Professora Doutora: **Sónia Remondes Costa**  
Professora auxiliar da Universidade





## APAV lança campanha dirigida a homens vítimas de violência doméstica

31 de Agosto de 2016 | via [publico.pt](http://publico.pt)

0  
Gosto

Tweet



Entre 2013 e 2015 a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou 22.373 processos de apoio relacionados com violência doméstica. Em 1240 deles as vítimas eram do sexo masculino. Só no último ano foram apresentadas 452 queixas por homens, mais 14,4% do que em 2013. Face a estes números, a associação lançou uma campanha especial. Destina-se a sensibilizar a população para o fenómeno da violência doméstica contra os homens.

Daniel Cotrim, assessor técnico da direcção, explicou à Lusa que a APAV decidiu avançar porque este fenómeno também faz parte da realidade que compõe a

violência doméstica. "Sabemos que estatisticamente as mulheres ainda são mais vítimas deste crime do que os homens, mas aquilo que temos vindo a reparar nos nossos números é que entre 2013 e 2015 houve um aumento de quase 15% de denúncias de homens adultos vítimas de violência doméstica junto dos nossos gabinetes de apoio à vítima."

A campanha pretende "sensibilizar para as questões do medo e da vergonha, que surgem como principal barreira ao primeiro pedido de ajuda".

A maioria dos processos que chegam à APAV com vítimas-homens dizem respeito a relações conjugais, totalizando 667 vítimas ou seja 54 % das denúncias. Destas, 75% dos autores das agressões eram companheiros ou maridos/mulheres das vítimas e 25% eram ex-companheiros ou ex-cônjuges. Há também um número significativo de casos onde a violência surge nas relações entre pais e filhos (30%). São dados estatísticos divulgados pela associação na sequência do lançamento da campanha.

Os homens com idade superior a 65 anos são uma fatia importante das vítimas de violência doméstica, representando 27,6% das queixas. Por sua vez, os agressores, na sua maioria do sexo feminino (60,8%), têm idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos (32,2%).

Segundo a APAV mais de 60 % das denúncias estão relacionadas com maus-tratos psíquicos e físicos sendo que os maus-tratos psíquicos representam grande parte dos casos (38,2%).

"Os homens vítimas de violência doméstica podem ser alvo de comportamentos de controlo, agressões físicas e psicológicas" mas "o receio do descrédito e da humilhação", por parte de amigos, familiares e até de instituições policiais impede, muitas vezes, a decisão da denúncia da vitimação, afirma a APAV em comunicado.

Daniel Cotrim acrescenta: "É preciso que os homens se librem deste peso do medo e da vergonha de pedirem ajuda, de terem medo de serem humilhados, de que não acreditem neles junto das autoridades ou das instituições." Felizmente, acrescenta, "muito se avançou e muito se aprendeu relativamente a estas questões".

A campanha estará disponível no site e no Facebook da associação, existindo também um vídeo no YouTube.

deixe-nos o seu comentário

0 Comments

Sort by Oldest



Add a comment...

Facebook Comments Plugin

voltar

OS NOMEADOS PARA  
O AUTOMÓVEL DO SÉCULO  
AO PORMENOR.



em destaque



últimos podcasts

GPS - 30 de Agosto de 2016

Discoteca - 30 de Agosto de 2016

Long Play - 30 de Agosto de 2016

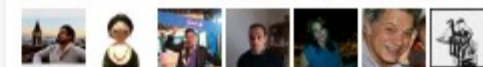
Blê Blê Blê - 30 de Agosto de 2016

Blê Blê Blê - 29 de Agosto de 2016

os nossos ouvintes



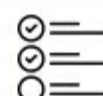
Sê o primeiro dos teus amigos a gostar disto



**Manhã Nova**  
De segunda a sexta.

WEBSITE RÁDIO NOVA

- ▶ Adicionar aos favoritos
- ▶ Mapa do website
- ▶ Informações sobre Publicidade
- ▶ Sugestões e comentários



**Relatórios de Gestão**  
Principais Fluxos Financeiros para a gestão da sociedade.



## Concertos

### Quarta-feira 3

#### Clássica

**GRÁTIS National Youth Orchestra of Canada** Museu Nacional de Arte Antiga, R das Janelas Verdes 17. 21 391 2800. Santos/BUS 713, 714, 727, 728, 732, 760, 774. 16.00. [www.mnarteantiga-ipmuseus.pt](http://www.mnarteantiga-ipmuseus.pt). Obras de Ernest Bloch (*Schelomo*), Chris Godard (*Spacious Euphony*, em estreia mundial), Sergei Prokofiev (Sinfonia n.º 5) e Richard Wagner (abertura de *Tannhauser*). Direcção da maestra Ward Stare. Lisbon Music Fest.

**GRÁTIS Recital de violino e piano** Palácio Foz, Pç Restauradores 25/45. 21 342 5231. Restauradores/BUS 709, 711, 732, 736, 746, 759. 19.00. [www.ics.pt](http://www.ics.pt). Obras de Bach, Brahms, Hristoskov, Mozart, Paganini e Sibelius por Cristina Dimitrova e Kodo Yamagishi.

**GRÁTIS Verão Clássico (5)** Centro Cultural de Belém - Pequeno Auditório, Pç do Império. 21 361 2400. Bus 15E, 714, 727, 729, 751. 16.30. [www.ccb.pt](http://www.ccb.pt). A II Academia Internacional de Música de Lisboa Verão Clássico, que decorre entre 30 de Julho e 6 de Agosto, terá, além dos cursos, uma faceta voltada para o público - há concertos todos os dias, três deles pelos professores (MasterFest) e quatro pelos alunos (TalentFest), mais um concerto de encerramento com os alunos premiados. Quarta-feira é dia da TalentFest III.

#### Jazz

**\* Govaert/Vicente/Martinsson/Reis + Lopes/Lonberg-Holm** Sociedade Musical União Paredense, R Marquês de Pombal 319 RC, Paredes. Paredes. 22.00. Duplo concerto de música improvisada com formações multinacionais: um quarteto com Onno Govaert (bateria), Luis Vicente (trompete), Kristján Martinsson (piano) e Marcelo dos Reis (guitarra) e um duo de Luis Lopes (guitarra) e Fred Lonberg-Holm (violoncelo). Lopes lidera o Humanization 4tet e co-lidera o Lisbon Berlin Trio e os Big Bold Back Bone, Lonberg-Holm é um violoncelista norte-americano que lidera o valentine Trio, co-lidera o trio Stirrup e faz ou fez parte dos Vandermark5, a Territory Band de Vandermark ou o Chicago Tentet de Peter Brötzmann. Vicente integra os Fail Better!, Clocks & Clouds, WAS e Chamber 4, o holandês Govaert divide-se pelos Cactus Truck, Feecho e um trio com Stadhouders e DeJoode.

### Quinta-feira 4

#### Clássica

**GRÁTIS National Youth Orchestra of Canada** Palácio Nacional da Ajuda, Lg da Ajuda. 213 637 095/20 264. BUS 18E, 729, 742, 760. 16.00. [www.pnajuda.tnc-ip.pt](http://www.pnajuda.tnc-ip.pt). (ver quarta-feira)

**GRÁTIS Verão Clássico (6)** Centro Cultural de Belém - Pequeno Auditório, Pç do Império. 21 361 2400. Bus 15E, 714, 727, 729, 751. 16.30. [www.ccb.pt](http://www.ccb.pt). TalentFest IV.

#### Jazz

**André Carvalho** Hot Clube de Portugal, Pç da Alegria 48. 21 346 0305/ 21 361 9740. Avenida. 22.30 e 00.00; 5-10€. [www.hcp.pt](http://www.hcp.pt). Depois de ter visto o CD de estreia, *Hajime*, receber o Prémio Carlos Paredes 2012, o contrabaixista André Carvalho lançou em 2014 o seu opus 2, *Memória de Amiba*, expandindo a formação de quinteto para septeto. Surge agora em quinteto com Eitan Gofman e Gianni Casella (guitarra), António Matos (guitarra) e Luis Candeias (bateria).

**GRÁTIS Berlau & AM Ramos** Espaço APAV & Cultura, R José Estevão 135A. 21 358 7900. Arroios. 19.30. [www.apav.pt](http://www.apav.pt). Sax e guitarra em modalidade atmosférica e improvisativa, entre Don Cherry e Ray Cooder. O repertório provém do disco *Red Railbus Sessions* (Ziguratists).

**GRÁTIS Mano a Mano** Casa Fern...